

KADRI VIHVELIN: UMA SOLUÇÃO AO “ARGUMENTO DO CONSEQUENTE”.

VINÍCIUS CEZAR BIANCHI¹;
JOÃO HOBUSS²;

¹*Universidade Federal de Pelotas/ filosofia– bianchi.filosofia@gmail.com* 1

²*Universidade Federal de Pelotas– joao.hobuss@gmail.com* 2

1. INTRODUÇÃO

O texto a ser apresentado diz respeito a uma abordagem contemporânea do problema da vontade livre realizada pelo filósofo Peter Van Inwagen, que, ao assumir uma posição incompatibilista entre liberdade e determinismo, desenvolve o argumento conhecido como “argumento do consequente”, que será abordado a partir de críticas de Kadri Vihvelin.

O problema do determinismo, ou necessidade, é talvez um dos problemas mais debatidos na história da filosofia (KANE, 2005), e possivelmente, contemporaneamente, o debate sobre a vontade livre nunca esteve tão em pauta. Este problema, que foi discutido em diversas áreas do conhecimento, com diferentes abordagens, será tratado como a ideia de determinismo enquanto causação necessária, que consiste em afirmar que se nós seres humanos estamos indubitavelmente submetidos as leis da natureza (leis da física, química, biologia, etc.), então, as mesmas determinações necessárias para todos os outros corpos servem para seres humanos, e, se dentre as necessidades causais destas leis está implicado que os acontecimentos factuais do passado determinam no modo como se configura o presente, então, assim como outros objetos, nós estaríamos sujeitos a um presente determinado por eventos passados, tal como está o futuro. Essa ideia de determinismo, ou necessitarismo, apresentada acima, gera um grande problema quando se propõem responsabilidade moral em uma ação, pois, para que alguém seja responsável moralmente por suas ações, presume-se que o agente deva gozar de liberdade da vontade.

Dentre as tentativas de explicar de que modo as noções de determinismo e liberdade podem ser concebidas, podemos organizá-las em termos lógicos de bivalência (verdadeiro e falso) dentre os seguintes posicionamentos:

Incompatibilista

- (a) a vontade livre é verdadeira e o determinismo é falso. (Libertarianista)
- (b) a vontade livre é falsa e o determinismo é verdadeiro (Determinista forte)
- Compatibilista
- (c) a vontade livre e determinismo são ambos, verdadeiros. (Determinismo moderado)

Defenderei aqui (c), ou seja, uma tese Determinista mitigada.

2. METODOLOGIA

A metodologia será a partir da pesquisa bibliográfica com exegese dos textos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pensar sobre as relações possíveis entre determinismo e liberdade é de suma importância para estabelecer em que medida há responsabilidade moral de um agente, e se esta responsabilidade está contida em sua ação. Ora, se acaso este agente não é o responsável por suas ações, pois o mesmo, ao agir, estava sob condicionamento de outras causas como pretende afirmar posições deterministas fortes, tal qual parece ser o caso do argumento do consequente.

O argumento de Peter van Inwagen, é citado por Robert Kane em sua obra “A contemporany introduction to free will” como um forte argumento em favor do incompatibilismo. O argumento do consequente, como ficou conhecido, é abordado de modo que elucida à pregunta de o porquê o determinismo seria incompatível com a vontade livre, ademais, Inwagen, ao elaborar o argumento pretende afirmar que as nossas ações não dependem de nós, portanto não estão em nosso poder de escolha deliberada voluntariamente, pois, se o presente é consequente- daí surge o nome do argumento- de um passado remoto anterior ao nosso nascimento, logo, o presente implicará nas consequências necessária do futuro, e que também independem da vontade do agente; (tudo funcionaria em um sistema determinado de causação) uma vez que mesmo que um agente desejasse fazer de outro modo não lhe seria possível. O argumento adiante na obra, é descrito do seguinte modo por Kane:

- (1) Não há nada que nós podemos fazer agora para mudar o passado.
- (2) Não há nada que nós podemos fazer agora para mudar as leis da natureza.
Colocando estas duas premissas em uma, temos
- (3) Não há nada que nós podemos fazer agora para mudar o passado e as leis da natureza.
Mas, se o determinismo é verdadeiro, então
- (4) Nossas ações presentes são consequências necessárias do passado e das leis da natureza. (Ou, equivalentemente, é necessário que, dado o passado e as leis da natureza, nossas ações presentes ocorram.)
Então, se o determinismo é verdadeiro, parece que
- (5) Não há nada que podemos fazer agora para mudar o fato que nossas ações presentes são consequências necessárias do passado e leis da natureza.
Mas se não há nada que podemos fazer agora para mudar o passado e as leis da natureza (qual o passo 3) e nada podemos fazer para mudar o fato que nossas ações presentes são as necessárias consequências do passado e leis da natureza (passo 5), pareceria seguir que, se o determinismo é verdadeiro (passo 4) , então
- (6) Não há nada que podemos fazer agora para mudar o fato que nossas ações presentes ocorrem. Em outras palavras, não podemos fazer agora de outro modo se não como realmente fazemos. Desde que este argumento possa ser aplicado a qualquer agente em qualquer momento, podemos inferir que se o determinismo é verdadeiro, ninguém pode sempre fazer o contrário; e se a vontade livre requer a força de fazer o contrário, então ninguém tem vontade livre.¹

O argumento de Van Inwagen sobre o determinismo, assume pressupostos em suas premissas que todos, ou quase todos filósofos

¹ (KANE, A *Contemporary Introduction to Free Will*, p.24)

incompatibilistas não teriam problemas em assumir : (3) “Não há nada que nós podemos fazer agora para mudar o passado e as leis da natureza.”²

O fato de que o passado interfira de modo determinado no presente (ao menos em certas circunstâncias), assim como o fato de estarmos sempre submetidos às leis da natureza, são ambos fatos verdadeiros, e certamente existem certas circunstâncias em que não é possível fazer o contrário. Porém, embora o argumento conclua que o presente é totalmente determinado pelas leis naturais, e consequentemente impossível de se fazer o contrário, há abertura para discordar da conclusão do argumento de Van Inwagen, visto que as leis naturais e a causação atuam enquanto ações e circunstâncias sobre os objetos e agentes, mas não sobre a vontade do agente.

4. CONCLUSÕES

Habilidade e Oportunidade.

Kadri Vihvelin em seu artigo “ Libertarian Compatibilism” , apresenta dois exemplos que certamente, segundo ela, seriam exemplos defendidos como deterministas. Um se trata de Jack, que é empurrado por Jill colina abaixo, e o outro se trata de Dana, que está em uma conferência em que fala em inglês , mesmo sabendo espanhol (VIHVELIN, 2000).

No primeiro exemplo, Jack que é empurrado por Jill, está impossibilitado de fazer o contrário, e durante todo o momento da queda estava sob o efeito das leis naturais e causação, assim, como no segundo exemplo Dana que sabia espanhol, estava determinado a falar em Inglês. Em ambos os casos, mesmo que desejasse fazer o contrário (não ser empurrado, ou falar em espanhol) não lhes seria possível. Porém, Kadri sustenta que embora os agentes estivessem determinados pelas leis da natureza, causação e pelo passado anterior a eles, e certamente incapazes de realizar o contrário, suas vontades eram livres, e o que os estava limitando seria uma circunstância que os privavam de oportunidade para exercer uma habilidade (VIHVELIN, 2000).

Assim, um agente que possua uma habilidade para realizar x, pode realizar x se acaso também existir a oportunidade para que aconteça, e se acaso desejar. Neste sentido, as leis da natureza atuariam de modo determinante sobre a ação do agente, e não sobre sua vontade, pois, sendo o caso de que o agente seja capaz de exercer uma habilidade e tendo a oportunidade para tal, teria sua vontade livre e possível de realização se o agente desejasse fazer ou não fazer x. Agir por coerção, força exterior ou necessidade,(como é o caso dos exemplos) embora possam estar contra sua vontade e determinado, não implica que todas as circunstâncias assim sejam. Kadri nos dá mais exemplos para elucidar como seriam então as possibilidades de circunstâncias , defendidas em sua tese, em que um agente se encontra:

- (i) Há oportunidade, porém, não há habilidade: Um agente que tenha um piano diante de si, à disposição, mas que não saiba toca-lo.
- (ii) Não há oportunidade, mas há habilidade: Um agente que saiba tocar piano, mas, que não tenha um à disposição.
- (iii) Há oportunidade e há habilidade: um agente que saiba tocar piano, e que tenha um piano diante de si à disposição.

² (KANE, A Contemporary Introduction to Free Will, p.24)

(iv) Não há oportunidade e não há habilidade: Um agente que não saiba tocar piano, e que não tenha um piano à disposição. (KANE, 2005).

Afirmar, portanto, segundo o argumento do consequente de Inwagen, que a premissa (3) é verdadeira, “ Não há nada que nós podemos fazer agora para mudar o passado e as leis da natureza.”³ parece não implicar *necessariamente* em (4) “Nossas ações presentes são consequências necessárias do passado e das leis da natureza.”⁴ Segundo a proposta de Kadri para se compreender as possibilidades entre determinismo causal, leis da natureza e a vontade livre ,quando justapostas aos argumentos de Van Inwagen, nos mostra que os argumentos de Peter exclui algo inato às próprias condições dadas pelas leis naturais necessárias: a possibilidade. Conceber a possibilidade é contabilizar mais de um curso de ação em variadas cadeias de causações; é conceber variáveis prováveis. Este paradoxo se dá justamente em ignorar as condições de possibilidades de uma ação causal e toma-la apenas como necessária. Assim, é necessário que tenhamos leis da natureza e causação, podendo, porém, ter espaço em uma dimensão onde a liberdade da vontade é possível.

Um agente, ao ser a causa de uma ação, está ainda sob as leis naturais e causação; no entanto, nem todas as causas de suas ações dependem *necessariamente* delas, mas sim, de sua vontade. As noções defendidas por Kadri, de oportunidade e habilidade, são exemplos em que isto acontece. Há cursos de ações possíveis para um agente, e talvez estes cursos possam estar determinando e condicionando sua vontade. Entretanto, há cursos de ações em que o agente não age simplesmente como causa necessária de um evento do passado, mas sim de modo que exerça sua habilidade dentro de uma situação possível oportunizada. Jack teve sua habilidade de andar privada e adiante sua oportunidade de continuar seu trajeto também. Dana, de igual modo, teve sua habilidade de falar espanhol privada, quando discursava para um público falante do inglês. Ambos porém, mesmo durante a situação determinada em que se encontravam , mantinham consigo a habilidade de fazer o contrário, e bastava que a oportunidade fosse reestabelecida, e eles poderiam, se acaso desejassem, exercer a habilidade tolhida.

A teoria compatibilista de Kadri Vihvelin, que foi usada aqui, parece indicar um conjunto de explicações razoáveis para sustentar uma falha no argumento do consequente de Peter Van Inwagen, e assim, ousar ao menos, repensar as condições de liberdade que é tão intuitiva , seja na filosofia, propriamente dita, seja pelo senso comum.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referências bibliográficas

KANE, R. *A Contemporary Introduction to Free Will*. New York: Oxford University Press, 2005.

VIHVELIN, K. “Libertarian Compatibilism”. *Nous*, Califórnia EUA, V. 34, N.14, 2000, p. 139-166.

³ (KANE, *A Contemporary Introduction to Free Will*, p.24)

⁴ (KANE, *A Contemporary Introduction to Free Will*, p.24)